

◀ **Dados biográficos/4**

1931

Publica em «presença» a tradução do *Hino a Pã* de Aleister Crowley.

Escreve uma extensa carta a João Gaspar Simões na qual teoriza as suas opiniões quanto à «ficção» em literatura, manifestando um substancial e irónico desacordo em relação às teorias freudianas.

É deste ano a efectiva interrupção da sua relação sentimental com Ophélia (e não de 1930, como deixam crer as *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*). Durante os primeiros três meses Ophélia escreve-lhe doze cartas; a última é de 29 de Março.

1932

Em Setembro concorre com insucesso a um lugar de conservador-bibliotecário no Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães em Cascais.

Escreve o prefácio do livro de poemas do amigo Elieser Kamenezky, *Alma Errante*. Em Novembro publica em «Fama», dirigida por Augusto Ferreira Gomes, o artigo *O Caso Mental Português*.



1933

Atravessa outra profunda crise psicológica, mas não desiste do trabalho literário. Intensa actividade criativa, como *ortónimo*, e crítica (cópia o original de *Indícios de Oiro de Sá-Carneiro* a fim de ser editado na «presença») e escreve um novo estudo sobre António Botto).

1934

Prefacia o volume *O Quinto Império* de Augusto Ferreira Gomes.

Publica *Mensagem* e concorre com este volume ao prémio «Antero de Quental» do Secretariado de Propaganda Nacional. É-lhe conferido o prémio de Categoria B, por uma pretextuosa questão de número de páginas. O prémio da Categoria A (volume superior a 100 páginas) é atribuído ao sacerdote Vasco Reis pelo volume *Romaria*. O júri é composto por Alberto Osório de Castro, Mário Beirão, Acácio de Paiva e Teresa Leitão de Barros.

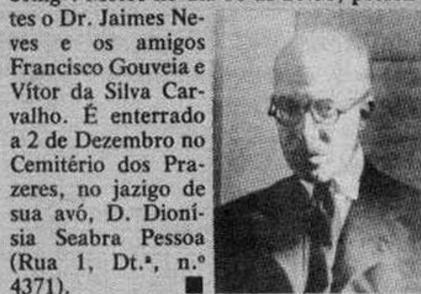
1935

Em Janeiro escreve uma extensa carta a Adolfo Casais Monteiro na qual explica a génese da heteronímia. Publica no «Diário de Lisboa» (4 de Fevereiro) o artigo *Associações Secretas* contra uma proposta de lei apresentada à Assembleia Nacional para a abolição das sociedades secretas e na qual é visada sobretudo a Maçonaria.

Na Primavera vem a Portugal em viagem nupcial, depois de quinze anos de ausência, o irmão Luís Miguel. Pessoa manifesta-lhe a intenção de o ir visitar a Inglaterra.

No número três de «Sudoeste», dirigida por Almada Negreiros, publica a nota *Nós, os de «Orpheu»*. Campos colabora no mesmo número com *Nota ao acaso*.

No dia 29 de Novembro é internado no Hospital de S. Luís dos Franceses onde lhe é diagnosticada uma cólica hepática. A sua última frase, escrita a lápis, é em inglês. Diz: «I know not what tomorrow will bring». Morre no dia 30 às 20.30, presentes o Dr. Jaimes Neves e os amigos Francisco Gouveia e Vítor da Silva Carvalho. É enterrado a 2 de Dezembro no Cemitério dos Prazeres, no jazigo de sua avó, D. Dionísia Seabra Pessoa (Rua 1, Dt.ª, n.º 4371).



(Cronologia extraída da obra de Maria José Lancastre, «Fernando Pessoa, uma fotobiografia», Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1981).

E porque não entrevistar Pessoa agora? Poucas pessoas vivas há mais vivas que Pessoa. Baptista-Bastos foi-lhe ao encontro, de caneta em riste...



Entrevista imaginária

Fernando Pessoa a Baptista-Bastos: "Sinto-me múltiplo e gosto de palavravar"

Tinha entrevisto a sua sombra fugidia. Levava entre os dedos um cigarro, na outra mão papéis (poemas?), o olhar parecia ver para lá das coisas aparentes. Cumprimente-o. Se o não cumprimentei, devia tê-lo feito. Conhecia-o mal: só de vista ou de bebermos um copo, no mesmo Val do Rio, ele bagaço, eu um abafado, sem lhe falar nunca. Por vezes, seguia-o: num alvoroço tímido, direi agora. Na leitaria, no Martinho, em frente à vitrina da Bertrand, na Clássica; outra vez no Val do Rio, e o passear à-toa, o caminhar paralelo ao Tejo que corria manso, belo e claro. Uma sombra fugidia, isso mesmo. Perdi-o de vista para sempre, num dia cinzento e mórbido: 30 de Novembro de 1935. Mais tarde, muito mais tarde, reencontrei-o vivo num longo e admirável texto de João Gaspar Simões, a quem para sempre fiquei a dever o meu conhecimento mais íntimo com o homem que bebia bagaço e que caminhava como se procurasse a sombra do próprio ser. Li-o devagar. Leio-o, ainda hoje, devagarosamente. Nunca soube muito bem o que nele procurava, o que nele pretendia de vozes remotíssimas e muito próximas. O homem chama-se Fernando Pessoa.

— **Podemos falar um pouco de si?**
 — «Não sei quem sou, que alma tenho. Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu não sei se existe (se é esses outros). Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ansias que repudio. A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um carácter que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho. Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas.»
 — **Mas, sobre ser e não ser esse e os outros, o Fernando Pessoa tem vivido num universo de palavras; não é assim?**
 — «Gosto de dizer. Direi melhor; gosto de palavravar. As palavras são para mim corpos tocáveis, seres visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie — nem sequer mental ou de sonho —, transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. (...) Não tenho sentimento nenhum polí-

tico ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que me não incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve com ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em quem se bata, a ortografia sem ípsilon, como um esgarro directo que me enjoa independentemente de quem o cuspiu. Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida.»
 — **Há quem diga que você é um homem estranho, neurótico, nevrópata...**
 — «Reconheço que tudo isto é cómico, e que a parte mais cómica disto tudo sou eu. (...) Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histeroneurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas.»
 — **E amor?, que é para si o amor?**
 — «O mistério das coisas, onde está ele? / Onde está ele que não aparece / Pelo menos a mostrar-nos que é mistério? / Que sabe o rio disso e que sabe a árvore? / E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?» (...) Depois, «o amor não estuda tanto as coisas, nem trata os outros como réus que é preciso entalar.»
 — **Dizem: o Pessoa é um génio, o Pessoa é um mestre. Quer falar sobre?**
 — «Sou um dos poucos poetas portugueses que não decretou a sua própria infalibilidade, nem toma qualquer crítica, que se lhe faça, como um acto de lesa-divindade. Além, quaisquer que sejam os meus defeitos mentais, é nula em mim a tendência para a mania da perseguição. (...) Nunca me propus ser Mestre ou Chefe — Mestre, porque não sei ensinar, nem sei se teria que ensinar; Chefe, porque nem sei estrelar ovos. (...) Não procuro caves nos andares nobres.»
 — **O nosso mundo está dividido entre dois sistemas e dois conceitos de sociedade. Vejamos, agora que Reagan e Gorbachev se encontraram em Genebra, que pensa, por exemplo, dos americanos?**
 — «Os americanos, que são quem mais profundamente estuda os problemas técnicos, expõem-nos, muitas vezes, humoristicamente.

Levam, até, esse género de exposição, em alguns casos, a pontos quase inconcebíveis para nós, europeus, tantas vezes solenemente incompetentes. (...) Depois, veja bem, «a sociedade é um sistema de egoísmos maleáveis, de concorrências intermitentes. Cada homem é, ao mesmo tempo, um ente individual e um ente social. Como indivíduo distingue-se de todos os outros homens; e, porque se distingue, opõe-se-lhes. Como sociável, parece-se com todos os outros homens; e, porque se parece, agrega-se-lhes. (...) Para mim, resumo: «Homens, nações, intuítos, está tudo nulo! / Falência de tudo por causa de todos! / Falência de todos por causa de tudo! / De um modo completo, de um modo total, de um modo integral: Merda!»
 — **Parece-me ver um grande desencanto, um grande desespero em tudo quanto disse...**
 — «Procuo dizer o que sinto / Sem pensar em que o sinto. / Procuo encostar as palavras à ideia / E não precisar dum corredor / Do pensamento para as palavras. / Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.»
 — **E que deseja você da vida?**
 — «Não sou nada. / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada. / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo (...) Falhei em tudo.»
 — **Que pensa da morte?**
 — «Sou já o morto futuro. / Só um sonho me liga a mim — / O sonho atrasado e obscuro / Do que eu devera ser — muro / Do meu deserto jardim.»
 — **O poeta é um fingidor, disse você. É mesmo?**
 — «Foi só a vida mentida / De um futuro imaginado!»
 — **E, vejamos, acredita que os seus poemas vão ser lidos e amados daqui por muitos anos?**
 — «Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos. / Eles lá terão a sua beleza, se forem belos...»
 — **Terminemos. Que epitáfio desejaria para o seu túmulo?**
 — «Nunca fui senão uma criança que brincava.»
 (Montagem de textos feita por Baptista-Bastos, que os extraiu de «Poemas de Alberto Caeiro», «Poesias de Fernando Pessoa», «Ultimatum», «Textos para Dirigentes de Empresas», «Cartas a Ophelia», «Carta a Adolfo Casais Monteiro» e «O Livro do Desassossego!»)